

Os Colégios de Aplicação e a formação docente: o papel do(a) professor(a) de ensino básico na formação do(a) professor(a) de artes cênicas

Colégios de Aplicação and teacher training: the role of the basic schoolteacher in the graduation process of the performing arts teacher

Andréa Pinheiro¹; Celeia Machado²; Fernanda Mélo³; Marcus Flávio da Silva⁴; Mônica Bonatto⁵

RESUMO

Este trabalho pretende discutir o papel do(a) professor(a) do Ensino Básico na formação do(a) professor(a) de Artes Cênicas, a partir do relato e análise da trajetória de três Colégios de Aplicação das universidades federais de Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Considerando a sua premissa básica de formação de professores(as) e o seu histórico de abordagens pedagógicas inovadoras, os Colégios de Aplicação se credenciam não apenas como interlocutores vigorosos no diálogo que necessita ser ampliado entre os cursos de formação de professores(as) e o Ensino Básico, mas principalmente nos debates relativos à geração de políticas educacionais no Brasil.

PALAVRAS CHAVE: Colégio de Aplicação; Ensino de Teatro; Formação de professores

ABSTRACT

This work intends to discuss the role of the Basic School teacher in the graduation process of the Performing Arts teacher, through the report and analysis of the trajectory of three federal high school from federal universities of Pernambuco, Rio Grande do Sul and Rio de Janeiro. Considering their basic premise of educating teachers and their history of innovative pedagogical approaches, the Colégios de Aplicação qualify not only as vigorous partners in the dialogue that needs to be expanded among teacher training courses and basic schools, but mainly in the debates concerning educational policies in Brazil.

¹ Profª. Ms. em Teatro - CAp-UFRJ – Professora e Coordenadora do Setor Curricular de Artes Cênicas. detapinheiro@gmail.com

² Profª. Titular – CAp-UFRJ - Professora do Setor Curricular de Artes Cênicas. celeiamachado@yahoo.com.br

³ Profª. Mestranda em Artes Cênicas – CAp-UFPE - Professora de Teatro vinculada à Área de Comunicação e Expressão e Educação Artística. fernanda.meelo@gmail.com

⁴ Prof. Ms em Educação – CAp-UFPE - Professor de Teatro vinculado à Área de Comunicação e Expressão e Educação Artística e Coordenador do Serviço de Orientação e Atendimento ao Estagiário. marquinhosrodrigues@yahoo.com.br

⁵ Profª. Dra em Educação – CAp- UFRGS - Professora da área de Teatro do Departamento de Expressão e Movimento. mo.bonatto@gmail.com

KEYWORDS: Federal high school, Performing Arts; Teacher Training

INTRODUÇÃO

Com forte inspiração nas ideias do educador John Dewey, fundador do movimento Escola Nova e criador, nos Estados Unidos, da Escola Experimental, os Colégios de Aplicação (CAp), unidades de Educação Básica das Universidades Federais, estão presentes em quase todas as regiões do Brasil. Atualmente são 17 unidades situadas nas cidades de Recife, Aracaju, Natal, Vitória, Rio de Janeiro, Niterói, Viçosa, Juiz de Fora, Uberlândia, Belo Horizonte, Goiânia, Florianópolis, Porto Alegre, Rio Branco, Boa Vista, São Luiz e Belém.

Os Colégios de Aplicação, que se destinam a educar estudantes da Educação Básica e formar futuros(as) professores(as), se diferenciam entre si por funcionarem conforme as necessidades da instituição a que se vinculam, propondo um currículo diferenciado e abordagens didático-pedagógicas inovadoras que permitem aos(as) licenciandos(as) a observação de práticas pedagógicas nas mais diversas áreas do conhecimento, além da possibilidade de desenvolver práticas de docência no referido contexto.

De acordo com o Artigo 1º do Decreto-Lei n 9.053 de 12 março de 1946: “As Faculdades de Filosofia federais, reconhecidas ou autorizadas a funcionar no território nacional, ficam obrigadas a manter um ginásio de aplicação destinado à prática docente dos(as) estudantes matriculados no curso de didática” (CONDICAP, 2012). A partir da vigência desse decreto-lei, foram criados vários Ginásios de Aplicação em Universidades, destinados inicialmente a ser um espaço de práticas dos(as) alunos(as) do Curso de Didática das Universidades Federais. Da década de 1970 em diante os ginásios de aplicação passaram a receber as denominações de Colégios de Aplicação ou Escolas de Aplicação, ou ainda abreviadamente CAp. As faculdades que possuíam cursos de licenciatura utilizavam essas escolas como *locus* de experimentação de metodologias de ensino, em que os(as) licenciandos(as) ministravam aulas sob a supervisão de professores(as) de didática.

Com o passar dos anos, o aprofundamento dos debates no campo educacional, tanto acerca da Educação Básica quanto da Educação Superior, e mais especificamente, da formação de professores(as), trouxe rebatimentos para o modo de pensar os Colégios de Aplicação. Porquanto, narrar e refletir sobre o Colégio demanda compreendê-lo como espaço sociocultural, na perspectiva da cultura, que considera o dinamismo do fazer cotidiano de todos os sujeitos implicados socialmente com o espaço escolar - os estudantes da educação básica, profissionais da educação, docentes do Ensino Básico, docentes do Magistério Superior e graduandos (as). Uma rede complexa na sua tessitura que busca dar sustentação a uma educação de qualidade na tentativa dialógica de formar sujeitos críticos e sensíveis diante do mundo e de si mesmos.

Nesse sentido, reitera-se o espaço escolar dos CAPs como um espaço construído socialmente onde os homens e mulheres que lá estão não são agentes passivos diante da estrutura, mas sim, partícipes na construção diária, em ação recíproca dentro de um processo heterogêneo, complexo que demanda muita escuta, debate, defesa, apropriação, negociação e elaboração. Segundo Dayrell

A escola, como espaço sociocultural, é entendida, portanto, como espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposições de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. (DAYRELL, 2001, p.137)

Dessa forma, é possível afirmar que, com o tempo, as finalidades dos Colégios foram se alterando, acompanhando as mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais da sociedade, sem

nunca ter deixado de atender a sua função primeira - ser-espço pedagógico destinado ao exercício da prática docente pelos(as) futuros(as) professores(as).

Essa condição, comum a essas instituições, as credencia como interlocutores(as) vigorosos(as) no diálogo que precisa ser ampliado entre os cursos de formação de professores(a) e o Ensino Básico, além de desempenhar um papel de protagonista nos debates relativos à geração de políticas educacionais no Brasil.

A seguir relataremos as experiências de formação docente em Artes Cênicas e suas particularidades em três dos dezessete CAPs existentes no país. Aporta-se aqui no construto das ideias freirianas sobre formação de professores(as) ao dialogarmos com o autor quando afirma que

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mão dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 2000, p. 26)

Nós, os cinco autores deste texto, como professores(as) de Teatro, atuando no Ensino Básico e também na formação de professores(as) – fundamento primeiro dos Colégios de Aplicação até a atualidade, pautamos nossas práticas pedagógicas a partir do entendimento de que “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos” (FREIRE, 2005, p. 79).

A diversidade e alcance de nossos fazeres pedagógicos demonstram a potência dos Colégios na formação de futuros(as) professores(as) de Artes Cênicas, garantindo e defendendo, apesar de todos os desmandos das atuais políticas educacionais, o espaço do estágio como aspecto fundante para o exercício da docência dos(as) nossos(as) licenciandos(as).

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRJ

Tabela I – Panorama do CAP UFRJ e do Ensino de Teatro

CAP UFRJ	
ESTRUTURA POLÍTICO ADMINISTRATIVA	Unidade autônoma, vinculada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, com representação no Conselho colegiado deste Centro, no Conselho de Ensino de Graduação e no Conselho Universitário da UFRJ
ATUAÇÃO NO ENSINO BÁSICO	Oferece turmas do 1º ano do Ensino Fundamental até o 3º do Ensino Médio
FORMA DE INGRESSO DE ALUNOS(AS)	Para ingresso até o 9º ano do EF - sorteio. Para ingresso a partir do 1º ano do EM - prova de nivelamento e sorteio. Para ingresso em 2019, foram incluídas cotas para alunos(as) de escola pública, de baixa renda e pardos, pretos e indígenas.
SERVIDORES (AS)	Conta com cerca de 70 técnicos(as) e 150 professores(as), entre efetivos(as) e contratados(as).
ALUNOS(AS) DO ENSINO BÁSICO	Aproximadamente 750 estudantes, crianças e adolescentes, oriundos(as) da cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana
ALUNOS(AS) DA GRADUAÇÃO	Aproximadamente 500 estudantes, licenciandos(as) e bolsistas PIBID, Iniciação Científica, Extensão, Iniciação Cultural e Artística entre outras modalidades oferecidas pela Universidade

SETOR DE ARTES CÊNICAS, EM 2019	
ESTRUTURA POLÍTICO ADMINISTRATIVA	Setor Curricular com voz e voto na congregação da unidade
ATUAÇÃO NO ENSINO BÁSICO	Oferece a disciplina de Artes Cênicas na grade curricular, em caráter obrigatório, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. No 1º e 2º anos do Ensino Médio, o estudante escolhe frequentar a disciplina de Música, Artes Visuais ou Artes Cênicas. No 3º ano do Ensino Médio não há disciplinas artísticas.
PROFESSORES (AS)	Três professoras efetivas em Regime de Dedicção Exclusiva, da carreira EBTT - Ensino Básico Técnico e Tecnológico. Dois professores contratados.
LICENCIANDOS(AS)	40 licenciandos(as), oriundos(as) do Curso de Licenciatura em Dança da UFRJ e da Licenciatura em Teatro da UNIRIO
BOLSISTAS	13 bolsistas: um bolsista de Iniciação Científica CNPq, sete bolsistas de Iniciação Artística e Cultural e cinco bolsistas de Extensão distribuídos nos projetos do Setor (EncenaAÇÃO, Fazendo Gênero, Teatro em Gotas, Educação e Sentido e Laboratório de Produção Teatral na Escola), oriundos dos Cursos de Graduação em Direção Teatral, Dança e Indumentária.

Fonte: tabela elaborada por Celeia Machado, com base nos registros institucionais do CAp UFRJ

O CAp UFRJ foi criado em 1948, sendo o Colégio de Aplicação mais antigo das Unidades de Ensino federais. O Setor de Artes Cênicas, instituído no fim da década de 1980, tem sua trajetória histórica marcada pela busca de aprofundamento de saberes e práticas teatrais, pela consolidação do alcance acadêmico e político do Setor de Artes Cênicas e pela expansão de incumbências com a formação de professores(as) e profissionais de Teatro.

Em poucas palavras, o trabalho do Setor Curricular de Artes Cênicas contempla: aulas para o Ensino Básico; o desenvolvimento de pesquisa no campo da pedagogia do teatro, bem como estágio supervisionado, que compreende a orientação e supervisão didática de estagiários, seja licenciandos(as) ou bacharelados(as).

No ensino básico, a disciplina de Artes Cênicas é oferecida em caráter obrigatório a todos(as) alunos(as) das turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. O programa curricular contempla eixos pedagógicos de ensino para cada ano e tem por objetivo contemplar a compreensão dos elementos que constroem a linguagem cênica. Alguns conceitos e noções são tratados: o jogo como metodologia de construção e relação da/na cena, o espaço e suas variações, as funções profissionais do teatro e seus universos de atuação (ator, diretor, cenógrafo, figurinista, iluminador, maquiador, dentre outros), períodos da história do teatro, texto e palavra, dentre outros temas que permitam ao estudante estabelecer contato e reflexões acerca do universo cênico. No Ensino Médio, os(as) alunos(as), por já terem vivenciado as diferentes expressões artísticas, escolhem uma das três linguagens para se aprofundar, ou seja, Artes Cênicas, Artes Visuais ou Música. As três linguagens oferecem projetos na perspectiva do aprofundamento da linguagem. No caso das Artes Cênicas, o programa curricular incorpora a vivência e a reflexão sobre a produção teatral.

Como campo de estágio prioritário da UFRJ, recebe estudantes das licenciaturas e bacharelados na área artística – licenciandos(as) em Prática de Ensino e bolsistas em atividades de pesquisa e extensão, com planos de atividades em turmas do Ensino Fundamental e Médio. Tal qual o CAp UFRGS, recebe licenciandos(as) de Dança embora a disciplina não esteja na grade curricular do Colégio. Portanto, atualmente, também se pleiteia a inclusão de Dança no currículo da escola.

Assim é possível perceber o quanto o ambiente de ensino de Artes Cênicas do CAP UFRJ é diverso e múltiplo. Pelas salas de Teatro, circulam vários(as) alunos(as) em diferentes níveis de ensino, com distintos saberes, experiências, desejos e expectativas. Cotidianamente, professor(a), licenciandos (as) e bolsistas intervêm simultaneamente nas turmas. Para a maioria dos(as) graduandos(as), o estágio é a primeira experiência de atuação na escola.

Tem se trabalhado na perspectiva de que o estágio se constitui em uma atividade formativa de reflexão crítica sobre as práticas mais do que um processo de aprendizagem por imitação, seja de comportamentos, de conhecimentos ou de técnicas. Nas palavras de Selma Pimenta e Maria Socorro Lima, ao estágio

(...) compete possibilitar que os futuros professores se apropriem da compreensão dessa complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais, como possibilidade de se prepararem para sua inserção profissional. É, pois, uma atividade de conhecimento das práticas institucionais e das ações nelas praticadas. (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p12)

Segundo a autora, estágio compreende uma condição de mobilidade entre a situação de formação e a situação de trabalho, fazendo dialogar o espaço escolar e a formação universitária, com possibilidades de articular concepções, ideias, experiências e desafios vivenciados nesses dois campos.

Nesta direção, buscando articular prática e teoria, trabalho e formação é que se organizam as diferentes modalidades de estágio no CAP UFRJ, como licenciando(a) ou bolsistas em projetos de pesquisa, ensino e extensão. De forma geral, cada graduando(a) acompanha, durante o ano todo, as aulas regulares de Artes Cênicas de cerca de uma a três turmas do Ensino Básico. No caso dos(as) licenciandos(as), eles realizam, entre outras, tarefas de observação e acompanhamento, participação nos exercícios e apoio na condução de dinâmicas até concluir o seu estágio efetivamente com uma participação autônoma de orientação de aula, na maioria das vezes uma regência de classe. Além disso, semanalmente eles frequentam outra aula, sem a presença dos(as) alunos(as) do Ensino Básico, conduzida pelo(a) professor(a) regente, sobre o percurso pedagógico⁶ das turmas que acompanham. Por sua vez, o plano de atividades de pesquisa dos(as) bolsistas depende do projeto a que está vinculado, porém geralmente abrange tarefas de pesquisa, ensino ou extensão, teóricas e tarefas práticas, em que aplique e análise fundamentos e competências da sua formação artística. Compete a estes(as) graduandos(as) realizarem produções de caráter artístico e acadêmico, bem como apresentarem resultados de seus estudos em congressos e seminários. Destaca-se que suas atividades são supervisionadas e orientadas por um(a) dos(as) professores(as) orientadores(as) de Artes Cênicas.

Forma-se, assim, um espaço de compartilhamento e experimentação bem como de fricção e tensão. Tem sido um desafio gerir esta rede, advindo do surgimento de muitas reflexões e debates, o que vem reverberando no exercício de cada docente.

A partir desta conjuntura, surgiu a necessidade de se pensar a pertença do(a) professor(a) regente na formação profissional e analisar o estágio na interface daquele que recebe o(a) estudante de graduação na sua própria aula, que abre o seu cotidiano - quase sempre contraditório e problemático - para o olhar de outros, seja para jovens que estão chegando na profissão com um tanto de imaginário e arroubo, próprio de quem está começando, seja para colegas docentes do

⁶ Nesta aula, o (a) professor(a) regente aborda a aula e sua dinâmica, desenvolvendo junto com o(a) licenciando(a) atividades de planejamento, criação e pesquisa de jogos, formas de avaliação do processo dos(as) estudantes, elaboração de plano de aula, entre outros temas.

Ensino Superior, que como o próprio nome já anuncia, traz a marca da hierarquia de saberes entre Escola e Universidade.

Tamanha diversidade causa um impacto profundo nas relações da aula: o(a) professor(a) que recebe os(as) graduandos(as) passa a dividir a autoria da sua aula e media uma permanente troca de observações, leituras e avaliações de si, da sua atuação, da prática docente e da escola. Coloca em xeque, diariamente, a sua formação e capacitação docente, repensando a sua própria prática, ampliando a compreensão sobre o exercício da docência, transformando-se a partir desta fricção entre sua identidade docente pessoal e os diversos ideais, anseios, dúvidas e expectativas dos profissionais em formação.

Provoca uma dinâmica de fazer-se professor(a), fazendo professores(as), em conformidade com o pensamento de Paulo Freire: “O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado” (FREIRE, 2001, p. 259).

Por outro lado, também faz emergir a potência do saber da experiência como um conhecimento fundamental para a constituição de sujeitos professores(as) de teatro. Para Larrosa: “o acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (LARROSA, 2014, p.27).

Desta forma, cada professor(a) de Ensino Básico oferece a sua própria história, a qual acumula uma trajetória artística e docente particular, carregada de saberes do campo teatral, da relação com os alunos(as), dos outros campos de saber, dos demais professores(as), das lutas da escola. Na relação com os(as) estudantes da graduação, é possível o(a) professor(a) partilhar sua vida docente, discutindo convicções, enfrentando questionamentos e diferenças, contribuindo para que o futuro profissional encontre uma identidade e firme para si um horizonte de trabalho.

Estas reflexões produziram um debate que considera e visibiliza a atuação do(a) professor(a) da Educação Básica na formação de graduandos(as), docentes e/ou profissionais de teatro, interessado em examinar como esta atuação interfere nas relações de sala de aula do ensino básico e como dialoga e repercute nos cursos de graduação, podendo redefinir e atualizar processos formativos. Acredita-se que, nestes tempos de deslegitimação e desautorização do saber docente - vistos nas propostas de reformas de ensino, BNCC e outras medidas institucionais similares - é necessário potencializar aquele que conhece e exerce o seu ofício, como forma política de resistência e resiliência.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFPE

Tabela II – Panorama do CAp UFPE e do Ensino de Teatro

CAP UFPE	
ESTRUTURA POLÍTICO ADMINISTRATIVA	Unidade autônoma, vinculada ao Centro de Educação
ATUAÇÃO NO ENSINO BÁSICO	Oferece turmas do 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º do Ensino Médio
FORMA DE INGRESSO DE ALUNOS(AS)	Ingresso a partir do 6º ano do E.F. por meio de prova, sendo 50% das vagas reservadas para estudantes advindos de escola pública.
PROFESSORES(AS)	60 professores(as) entre efetivos e contratados ⁷
ALUNOS(AS) DO ENSINO BÁSICO	400 estudantes, crianças e adolescentes aproximado
ALUNOS(AS) DA GRADUAÇÃO	400 estudantes, licenciandos(as) e bolsistas PIBID, Iniciação Científica, Extensão, entre outras modalidades oferecidas pela

⁷ Todos os números apresentados neste artigo são aproximados.

	Universidade.
ÁREA DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, SUBÁREA: ARTES CÊNICAS, EM 2019	
ESTRUTURA POLÍTICO ADMINISTRATIVA	Setor Curricular com voz e voto no Pleno da unidade
ATUAÇÃO NO ENSINO BÁSICO	Oferece a disciplina de Teatro como componente curricular, em caráter obrigatório, do 6º até o 8º ano do Ensino Fundamental e na 1º série do Ensino Médio.
PROFESSORES(AS)	2 professores(as) efetivos em Regime Dedicação Exclusiva, da carreira EBTT - Ensino Básico, Técnico e Tecnológico
LICENCIANDOS(AS)	Número flutuante, variando de 8 a 15 licenciandos(as) por ano letivo
BOLSISTAS	5 bolsistas PIBID, oriundos(as) do Curso de Licenciatura em Dança durante os anos de 2012 a 2017

Fonte: tabela elaborada por Fernanda Mélo, com base nos registros institucionais do CAp UFPE

No Colégio de Aplicação da UFPE (CAp/UFPE), fundado em 1958, a formação de professores(as) em Artes Cênicas/Teatro organizou-se efetivamente apenas em 2010, com a inserção do primeiro docente desta componente curricular na instituição. Em 2016 houve a ampliação do quadro de professores(as), com a chegada de mais uma docente efetiva. Ambos vêm trabalhando na formação de licenciandos(as) em Teatro/UFPE, supervisionando estágios obrigatórios de observação e regência, além dos licenciandos(as) em Dança/UFPE, presentes nas práticas pedagógicas teatrais através de um recorte transdisciplinar possibilitado pelo PIBID/Dança.

É importante destacar que o registro para funcionamento do curso de Licenciatura em Educação Artística/ habilitação Artes Cênicas é do ano de 1985 e que durante 25 anos não houve a factual contribuição na formação inicial dos(as) professores(as) de Artes Cênicas/Teatro através de estágios curriculares, como é missão dos Colégios de Aplicação, apontados na sua criação como *locus* privilegiado para este fazer. Tal atividade ficou impossibilitada de acontecer devido à ausência já mencionada de professores(as) efetivos na instituição, que contava apenas com docentes de Artes Plásticas/ Artes Visuais e Música desde sua fundação. Da mesma forma, o curso de Licenciatura em Dança iniciou seu percurso em 2008 na UFPE e apenas em 2018 o CAp legitima o espaço para formação de professores em Dança, com inserção de um docente efetivo da linguagem, através de concurso público realizado recentemente.

Esse contexto é comum entre as disciplinas do campo da Arte e tem relação com fatores sociais, econômicos, culturais e rebatimentos na formação dos(as) professores(as) destas áreas. De forma geral, neste período (anos 90/2000), a educação vinha passando por reformas, como específica Carvalho:

[...] defende-se que o discurso curricular da formação de professores/as para a Educação Básica nos anos 1990 é contemporâneo a um cenário que tem como regras da sua prática social: o mercado globalizado através de empresas transnacionais; a implementação de redes de comunicação e informação; e a tentativa de predominância do pensamento único. (CARVALHO, 2007, p.158)

Este cenário é também o cenário que reverbera na escola, fatalmente. Ou seja, não se tem, levando em conta as características anteriores, o interesse de formar professores(as) de áreas que não atendam ao perfil do mercado que se moldava. Assim, houve um percurso enorme para que se

começasse a garantir o espaço de exercício e experimentação da docência aos licenciandos(as) de Teatro e Dança da UFPE no Colégio de Aplicação da mesma instituição.

Também é possível perceber neste movimento as hierarquias disciplinares, as tensões entre os diferentes saberes e a necessidade política de permanecer em luta para ampliar e assegurar a experiência artística e estética nesta escola. Estas disputas fazem parte do contexto escolar e educacional como um todo e se engendram no campo do currículo mais especificamente. Sobre isso, afirma Silva (2011), ao tecer considerações sobre a Nova Sociologia da Educação (NSE) e consequentes estudos do pesquisador Michael Young em sociologia do currículo:

A questão, para Young, consiste em analisar quais os princípios de estratificação e de integração que governam a organização do currículo. Por que se atribui mais prestígio a certas disciplinas do que a outras? Por que alguns currículos são caracterizados por uma rígida separação entre as diversas disciplinas enquanto outros permitem uma maior integração? Quais são as relações entre esses princípios de organização e princípios de poder? [...] Mexer nessa organização significa mexer com o poder. É essa estreita relação entre organização curricular e poder que faz com que qualquer mudança curricular implique uma mudança também nos princípios de poder. (SILVA, 2011, p. 68)

Mesmo que esta compreensão sobre currículo tenha outras camadas a serem vistas, tendo sido atualizada e ampliada pelas discussões pós-críticas, destaca-se que são pontos relevantes para o contexto no CAp UFPE. E repercutem no trabalho com os (as) licenciados(as), pois se considera a formação de professores(as) fundamental para reconhecimento e fortalecimento dos discursos e percepções acerca do Ensino das Artes Cênicas e do Teatro na educação básica. De tal modo que cabe perguntar: de que formas construir resistências e contribuir para causar alterações nestes princípios de poder?

O ensino do Teatro está inserido como componente curricular obrigatório e se desenvolve cotidianamente com 200 estudantes, do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental e da 1ª série do Ensino Médio. Os licenciandos(as) têm participado da rotina escolar, geralmente da seguinte forma: 1. Acompanhando um grupo do componente Teatro (cada turma se divide em dois grupos de 15 estudantes) em suas dinâmicas, exercícios, discussões e pesquisas no estágio de observação; 2. Refletindo e pesquisando sobre a prática pedagógica observada nas reuniões de orientação com seus supervisores, que possuem duração de 1h e acontecem semanalmente; 3. Planejando, avaliando e experimentando práticas artístico-pedagógicas com seu grupo/turma no estágio de regência, que também possui reuniões de orientação na mesma duração.

Já o PIBID/Dança, iniciado em 2012 com uma proposta transdisciplinar de atuação na disciplina de Teatro, se estruturou de modo que pudesse endossar a presença da linguagem da Dança dentro do CAp/UFPE e, a partir disso, houvesse o estímulo à discussão e ao debate sobre a sua ausência no currículo da escola. Nos seis anos de presença do Programa, diferentes formas de organização foram experimentadas. Especificamente nos anos de 2016/2017, os(as) cinco licenciandos(as)/bolsistas atuaram em duplas ou individualmente, investigando pontos de contato entre a dança e o teatro nos Programas da disciplina Teatro, além de pesquisar e executar as dinâmicas/exercícios e jogos em reunião semanal com a presença de todos os(as) bolsistas, a professora-supervisora e a professora-coordenadora, com vistas a uma condução coletiva dos caminhos do trabalho. Foram mais de vinte estudantes/bolsistas que passaram pelo PIBID/Dança no CAp/UFPE, resultando em trabalhos de conclusão de curso abordando as experiências, assim como artigos, pôsteres e comunicações em eventos em diferentes estados.

A relação entre escola e universidade, mesmo neste caso em que ambas estão na mesma instituição, esmiuçada nos trâmites e diálogos entre os(as) professores(as) das disciplinas de estágio e professores(as)/supervisores, ainda vem se dando de maneira fragmentada e interrompida. Houve momentos de problematização mais sistematizada como no Seminário Conversas de Estágio (2013-2015), promovido pela Comissão de Estágio do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística, além de rodas de discussão enquanto espaço de reflexão nas próprias disciplinas de

estágio. No ano de 2017, o CAP/UFPE iniciou, através do Serviço de Orientação e Atendimento ao Estagiário (SOAE), o projeto Papo de Estagiário, que se mostrou um espaço pertinente para trocas entre estagiários(as) das diversas licenciaturas da UFPE, dentre eles Dança e Teatro, e seus professores(as)/supervisores juntamente com técnicos e docentes da casa. Isto para falar de ações com um cunho de mobilização mais amplo. Nos tratos diários tem havido um esforço dos docentes do magistério superior e da educação básica em manter um diálogo para que as ações planejadas ocorram de forma mais sintonizada. Porém, ainda não é uma constante, considera-se alguns fatores tais como: calendários distintos dos diferentes níveis de ensino; atribuições e funções que não envolvem unicamente o ensino, mas a pesquisa, a extensão e a gestão, também para a educação básica no caso do magistério federal em que se encontram os Colégios de Aplicação.

Com menos de uma década de ações efetivamente voltadas à formação inicial de professores(as) em Teatro e Dança no CAP/UFPE, percebe-se um primeiro impacto na fomentação da experimentação pedagógica no campo das Artes Cênicas com foco na educação básica acontecendo de forma regular, sistematizada e em um lócus dedicado aos estágios. Isso tem sido apontado por professores(as) dos estágios e estagiários(as) em avaliações internas realizadas ao longo dos anos. Faz-se urgente estreitar e regularizar as trocas teóricas e práticas entre os sujeitos partícipes dos estágios curriculares das Artes Cênicas, assim como ampliar e possibilitar a realização dessas mesmas trocas por outros(as) docentes do Teatro e da Dança da cidade do Recife e região metropolitana que atuam na Educação Básica, pois é sabido que os Colégios de Aplicação “ao tomarem como escopo uma epistemologia escolar centrada na experimentação, conseguiram estimular a reflexão e ampliar as discussões relativas ao currículo, desencadearam um processo de reconstrução e reestruturação do saber-fazer docente (ROSA et al, 2015, p.40).”

Dito isto, também segue a luta pela ampliação da componente Teatro, que ainda não faz parte do 9º ano do Ensino Fundamental, e subsequente equiparação com as linguagens das Artes Visuais e da Música com relação a quantidade de docentes efetivos e presença no núcleo comum curricular. E, ainda, concretizar a chegada da componente Dança na rotina e currículo da escola.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS

Tabela III– Panorama do CAP UFRGS e do Ensino de Teatro

CAP UFRGS	
ESTRUTURA POLÍTICO ADMINISTRATIVA	Unidade de Educação Básica da UFRGS, com representação no Conselho Universitário.
ATUAÇÃO NO ENSINO BÁSICO	Oferece turmas do 2º ano do Ensino Fundamental até 3º do Ensino Médio e turmas de Ensino Fundamental e Médio de Educação de Jovens e Adultos.
FORMA DE INGRESSO DE ALUNOS(AS)	O ingresso dos alunos(as) se dá unicamente por sorteio público. Não há reserva de vagas ou cotas.
SERVIDORES(AS)	Conta com 152 servidores, entre professores(as) e técnicos(as), em efetivo exercício na escola.
PROFESSORES(AS)	Atualmente são 92 docentes em efetivo exercício na escola
ALUNOS(AS) DO ENSINO BÁSICO	Cerca de 650 estudantes oriundos(as) de Porto Alegre e região metropolitana.
ALUNOS(AS) DA GRADUAÇÃO	Aproximadamente 100 estudantes, licenciandos(as) e bolsistas PIBID, Iniciação Científica, Extensão, entre outras modalidades oferecidas pela Universidade.

ÁREA DE ARTES CÊNICAS DO CAP/UFRGS, EM 2019	
ESTRUTURA POLÍTICO ADMINISTRATIVA	A área de Teatro compõe o Departamento Expressão e Movimento, juntamente com as áreas de Música, Artes Visuais e Educação Física. Os Departamentos são a menor fração da estrutura universitária para todos os efeitos de organização administrativa, didático-científica e de distribuição de pessoal.
ATUAÇÃO NO ENSINO BÁSICO	Oferece a disciplina Teatro em todos os níveis de ensino: do 2º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental figura na grade curricular como disciplina obrigatória, assim como nas turmas de Educação de Jovens e Adultos. No Ensino Médio, o estudante pode optar por frequentar a disciplina de Música, Artes Visuais ou Teatro.
PROFESSORES(AS)	Cinco professores(as) efetivos em Regime de 40 horas - Dedicção Exclusiva, da carreira EBTT - Ensino Básico Técnico e Tecnológico.
LICENCIANDOS(AS)	Atende aproximadamente 20 licenciandos(as) por semestre, oriundos(as) dos cursos de Licenciatura em Teatro e Licenciatura em Dança da UFRGS.

Fonte: Tabela elaborada por Monica Bonatto, com base nos registros institucionais do CAp UFPE

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp - UFRGS) concretizou-se em 1954, pelo esforço de um reduzido grupo de educadores decididos a aproveitar a possibilidade de ampliação de seu espaço de comprometimento com a formação de professores(a), tarefas que lhes cabia enquanto docentes de um Departamento da Faculdade de Filosofia. Hoje o Colégio de Aplicação é a Unidade de Educação Básica da UFRGS e oferece ensino gratuito a crianças, jovens e adultos, através de seus projetos de ensino que abarcam desde o primeiro ano do Ensino Fundamental até a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O ingresso é por sorteio público que ocorre a partir de abertura de edital. Tal sistema forma um grupo bastante heterogêneo, tanto em relação à situação socioeconômica das famílias, quanto à comunidade/bairro em que vivem as crianças, jovens e adultos que frequentam a escola.

O CAp, além de ser responsável pela Educação Básica na UFRGS, também desempenha o seu papel na formação inicial e continuada de professores(as) através de projetos institucionais, do oferecimento de estágios curriculares supervisionados e de cursos de extensão.

O ingresso para estágio ocorre a partir de edital e semestralmente passam pela escola uma média de 80 estagiários(as) que atuam em todos os componentes curriculares, sob supervisão dos docentes do CAp. Os(as) estagiários(as) são oriundos(as) majoritariamente dos diferentes cursos de licenciatura da UFRGS, mas também podem vir de outras instituições de Ensino Superior.

Nas disciplinas de Estágio, os(as) licenciandos(as) são recebidos(as) por professores(as) que se tornam supervisores(as) de estágio. Ao longo dos últimos anos, especialmente entre 2011 e 2017, foram realizados dois concursos para professor(a) efetivo(a) da área de Teatro, possibilitando a contratação de três novos(as) docentes, que se somaram às duas que já compunham a área. Com uma equipe de cinco docentes foi possível garantir a presença do componente curricular Teatro em todos os níveis de ensino. As aulas de Teatro iniciam no 2º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental (Ensino Fundamental de 9 anos), sempre compondo a grade curricular ao lado de Artes Visuais e Música. A partir do 1º ano do Ensino Médio anualmente os(as) estudantes optam por uma das três modalidades oferecidas no Ensino de Arte, considerando suas afinidades e interesses. Em função de suas especificidades, as aulas de Teatro são ministradas para grupos de, no máximo, 15 discentes.

No contexto do Colégio de Aplicação, o Teatro é entendido como um espaço que busca possibilitar aproximações de alguns aspectos importantes da prática teatral escolar, dentre eles estão: a criação coletiva; o exercício de ver e ser visto, bem como as relações entre palco e plateia; a noção de presença, sob a perspectiva do teatro como acontecimento; e a vivência da experiência estética, nas proporções possíveis considerando o cenário escolar como espaço potencializador. Além disso, é relevante acrescentar que aproximações entre arte e vida, ou seja, as subjetividades dos sujeitos implicados na prática teatral escolar, seus cotidianos e suas trajetórias, também são norteadoras da experiência teatral escolar no Colégio de Aplicação. A construção do conhecimento e experiência teatral se dá a partir de jogos, improvisações, cenas e esquetes, objetivando a criação coletiva da obra teatral, seja em forma de montagem de peças, como também na criação e execução de roteiros, performances e acontecimentos cênicos diversos.

É nessa perspectiva que recebemos a cada semestre estudantes do curso de Licenciatura em Teatro. No primeiro semestre é realizado o estágio de Ensino Fundamental e no segundo semestre o estágio de Ensino Médio. As atividades são de caráter obrigatório, totalizando 2 horas/aula de observação e 10 horas/aula de docência em cada semestre. Os(as) licenciandos(as) do curso de Teatro são orientados(as) por professores(as) lotados na Faculdade de Educação da UFRGS, com formação em Teatro.

Os(as) estudantes da graduação convivem com os(as) docentes e estudantes da escola quase que exclusivamente no período destinado às suas aulas. A parceria com os(as) professores(as) orientadores(as) de estágio vêm permitindo pensarmos estratégias de aproximação com esses estudantes para além dos momentos destinados à prática propriamente dita. Reuniões de apresentação da escola e da proposta que desenvolvemos na área de Teatro são realizadas logo no início do semestre, bem como o acompanhamento da construção dos planos de aula e a avaliação das mesmas. No entanto, a inserção dos(as) futuros(as) professores(as) no contexto escolar é bastante restrita, pois são pouco vivenciadas situações de trabalho interdisciplinar, momentos de avaliação e participação em reuniões de estudo e planejamento. O diálogo das propostas desenvolvidas durante o estágio docente com o currículo de Teatro implementado pela área, documento em permanente transformação, mas muito significativo por ter sido (re)construído ao longo de décadas de trabalho e pesquisa voltada para o Ensino de Teatro, é pouco efetivo. Fato que aponta para a necessidade de maior articulação entre as disciplinas da graduação, a prática desenvolvida na escola e a prática docente do(a) licenciando(a) em formação. Quais são as inquietações desses(as) estudantes ao chegarem na escola para a realização do estágio? Dos(as) orientadores(as) ao conduzirem esse trabalho? E dos(as) professores(as) que recebem em suas turmas os(as) licenciandos(as) do Curso de Teatro? Que professor(a) de Teatro estamos formando, afinal?

Cabe destacar que o Colégio de Aplicação da UFRGS ainda não efetivou a presença de professores(as) licenciados(as) em Dança em seu quadro docente. A constituição da área de Dança, situada no campo da Arte, é um projeto acalentado há vários anos que, em 2018, começou a ser concretizado com a realização do primeiro concurso para docente efetivo na área. Até o presente momento, os(as) licenciandos(as) do curso de Dança estagiam nas turmas da disciplina de Teatro. Nesse caso, a presença do(a) professor(a) orientador(a) é mais frequente e a supervisão feita pelos(as) docentes da área de Teatro do CAP não abrange discussões importantes sobre metodologias e conteúdos específicos da área. Então a principal demanda atual é pela implementação da área de Dança da escola, situando-a no campo da Arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos aqui reunidos pretendem não apenas elencar os desafios enfrentados por cada instituição, mas sobretudo evidenciar tensões e inquietações que atravessam a prática do(a) docente do Ensino Básico na área das Artes Cênicas.

É nítida a batalha, travada pelos(as) professores(as) de cada CAp relatado neste texto, pela ampliação do ensino de Artes Cênicas em todas as séries, pelo maior número de graduandos(as) atendidos(as) e pela inserção da disciplina Dança em suas grades curriculares. Tal esforço se dá não apenas visando ao desenvolvimento do ensino nos Colégios de Aplicação, mas também nas outras escolas das redes municipal, estadual e federal, num processo multiplicador de saberes e fazeres. Além disso, este texto busca trazer à tona a complexidade e a importância de se estudar, cada vez mais, a relação entre o(a) professor(a) do ensino básico e o(a) licenciando(a), no breve, porém intenso espaço da sala de aula:

É preciso dar a ver os afetos que são tecidos nas salas e nos corredores, a intensidade do que acontece na sala, a diferença que faz o professor. É urgente desvendar a paixão do professor (seja de qualquer disciplina) pelo seu campo de saber, o desejo de transformar, o vínculo com as crianças e os adolescentes. Refletir sobre o quanto o professor é um resistente e um resiliente (MACHADO et aliae, 2014, p.25).

Na sua labuta diária, o(a) professor(a) de Artes Cênicas, sendo artista e pesquisador(a) do seu ofício, tem a missão de acolher o(a) profissional em formação - com todas as suas dúvidas, angústias e anseios – e, ao mesmo tempo, problematizar o seu próprio fazer, ressignificando abordagens, estratégias, metodologias e formas de avaliação, numa troca profícua de perspectivas que contribuam para a formação profissional destes(as) jovens e o aprofundamento dos estudos em nossa área. Sendo assim, faz-se necessário que o(a) professor(a) do Ensino Básico conscientize-se do seu papel de protagonista no gerenciamento dessa complexa e delicada trama de afetos, compreendendo que o espaço do estágio não é apenas a hora da prática, mas também o momento da reflexão. O desejo é formar profissionais que, para além do domínio do conhecimento em teatro, compreendam, sem fantasias, o papel político e social do(a) professor(a) e, sobretudo, percebam a potência e a riqueza de atuar na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Rosângela Tenório de. Currículo, cultura e formação de professores/as. **Revista Tópicos Educacionais UFPE**. Recife: v.17. 2007.

CONDICAP, 2012. Portfólio **CONDICAP**: escolas de aplicação federais. *No prelo*.

_____, 2011. **Os colégios de aplicação das IFEs no âmbito da SESU/MEC**. Disponível em: www.apesj.org.br/wp-content/uploads/Documento-Condicap.doc. Acesso em 25 de fevereiro de 2018.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: Dayrell, J. (Org): **Múltiplos Olhares: sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. Carta de Paulo Freire aos professores. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: v.15 n.42. maio/ago. 2001. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 26 de fevereiro de 2018

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre Experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MACHADO, Celeia; NOVO, Maria Fátima S.; PINHEIRO, Andrea; AZEVEDO, Debora. Ser Professor de Artes Cênicas no CAP-UFRJ – Entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão. **Revista Teatro: Construção e Criação de Conhecimento**. Tocantins: v2 n2, 2014. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/issue/view/55> Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis Pedagógica** UFG. Goiás: V. 3, N.3/4, pp.5-24, 2005/2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em 12/11/2018

ROSA, Adriana Letícia Torres (et al). **Projeto político pedagógico-pedagógico institucional do CAP-UFPE**. Olinda: Livro Rápido, 2015.

SILVA, Tomás Tadeu. **Documentos de Identidade; uma introdução as teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011